



Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia FCE/UnB
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

O ATO DE PARTEJAR COMPONDO UMA HISTÓRIA DE VIDA

LORENNNA KATARINE COSTA MILITÃO MOREIRA

BRASÍLIA/DF
2013



Universidade de Brasília
Faculdade da Ceilândia
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

O ATO DE PARTEJAR COMPONDO UMA HISTÓRIA DE VIDA

Autora: Lorena Katarine Costa Militão Moreira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

BRASÍLIA/DF
2013

LORENNA KATARINE COSTA MILITÃO MOREIRA

O ato de partear compondo uma história de vida

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Saúde Coletiva, da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Saúde Coletiva.

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a Dr^a. Sílvia Ferreira Guimarães
Universidade de Brasília

Prof^a Érica Quináglia
Universidade de Brasília

Prof^o Rosamaria Carneiro
Universidade de Brasília

Dedico esta monografia aos meus pais, Ronaldo Moreira e Quésia Militão por estarem presentes durante todo o meu percurso, com orgulho e felicidade sem medir esforços, incentivando-me na conquista de uma profissão. E aos mestres que me fizeram voar em sua sabedoria transformando minha ingenuidade em experiência e coragem para acreditar em mim mesma.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, meu amigo fiel, por me dar o dom da vida e me abençoar com inteligência e força para lutar por minhas realizações, que faz o impossível tornar-se possível e substitui as minhas incertezas pela segurança e o medo pela vitória. A Ti meu eterno agradecimento.

Aos meus pais Ronaldo Moreira e Quésia Militão, que me incentivaram a estudar na Universidade de Brasília e estiveram ao meu lado durante todo esse percurso, em especial agradeço a minha mãe, uma companheira, amiga e cúmplice com a qual dividi os momentos mais difíceis dessa jornada e tive apoio imensurável para a concretização deste sonho. Amo vocês!

Ao meu irmão Jonathan, companheiro de vida, que sempre esteve ao meu lado, me ajudou e me apoiou durante o período acadêmico. Você é muito especial para mim!

Agradeço à minha avó Alzenir que motivou essa pesquisa, com carinho e amor dividiu comigo as bonitas lembranças da sua história e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória de vida.

Aos meus familiares por me ensinarem valores tão importantes que levarei para a vida, pelo amor, carinho e afeto a mim dedicados. Agradeço em especial as minhas primas Cinthia, Kamila e Karol, por momentos de descontração, conversas amigas e o apoio incondicional.

Agradeço a todos os meus amigos e as companheiras de curso, por dividirem comigo momentos tão importantes e felizes da minha vida. E mostrarem que eu jamais estaria sozinha para superar os obstáculos que a vida me impusesse. Amanda, Isabel, Kétilla, Kauane, Laís, Mariana, Rafaela e Tainara, obrigada pelo companheirismo!

Em especial quero agradecer à amiga-irmã Jéssica Aguiar, por não me deixar desistir desse sonho, e com toda sua simplicidade me mostrar à beleza da vida, por ser tão presente e companheira nos dias bons e ruins, não apenas por isso, mas por todos os momentos que vivemos. Agradeço a Deus pela sua vida!

E como não poderia deixar de ser, agradeço a minha orientadora Sílvia Guimarães a quem sou eternamente grata pelo carinho e dedicação, por todos os direcionamentos e principalmente pela paciência, você foi fundamental para a realização deste sonho. Muito obrigada!

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que este sonho de finalizar uma etapa da minha vida se tornasse possível.

Lista de Siglas

FUNDAP - Fundação do Desenvolvimento Administrativo;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

SUS - Sistema Único de Saúde.

Lista de Figura

Figura 1: Mapa de Mossoró/RN.....	22
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: DESENHANDO O TEMA.....	12
2. PERCURSO METODOLÓGICO	15
3. MARCO TEÓRICO: OS CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO DO TEMA.....	17
4. DISCUTINDO A TEMÁTICA:.....	20
4.1 “Você acredita em destino? Eu acredito!”: Caminhos percorridos por uma terapeuta popular.....	20
4.2 Da ilha de Honorina à Mossoró, a formação de uma terapeuta popular.....	21
4.3 Na Ceilândia, memórias de uma parteira e cuidadora da família.	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXO	34
Questionário semi-estruturado	34

RESUMO

As práticas populares de cuidado marcaram as vidas das pessoas que viveram antes da consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Nesse período, em algumas regiões do Brasil, é possível perceber que esses saberes e práticas estão na memória e nos relatos sobre fatos cotidianos vividos por mulheres mais velhas que ainda atuam como parteiras, mas há um medo em se afirmarem em suas práticas (CARDOSO, 2012). Dessa forma, este trabalho buscou compreender como o ofício de partejar compõe uma história de vida de uma parteira residente da cidade de Ceilândia-DF. Trata-se da análise de um relato biográfico e descreve a relação com os serviços de saúde e com os médicos e o desconhecimento e preconceito com esse ofício por parte da biomedicina as inibem de expor seus feitos. O objetivo foi analisar a sociocosmologia onde essa parteira se insere, o contexto de socialização deste saber/fazer, de transmissão desse ofício e de circulação de conhecimento. Esta pesquisa é de cunho qualitativo, contará com técnicas do método etnográfico. Foram realizadas perguntas sobre os modos de vida, de pensar e sentir das pessoas, que tem como principal objetivo identificar como a pessoa foi socializada e como a experiência social influi na construção e formação do “eu” e categorias usadas por ela. O referencial teórico está baseado nos conceitos e métodos das Ciências Sociais, compreendendo a noção de cultura enquanto um sistema de símbolos que fornece um modelo “de” e “para” a realidade vivida (GEERTZ, 1989). Neste projeto foi possível observar que ter saúde está vinculado a outras questões, à felicidade, à determinação em tomar decisões e, a saber, lidar com os momentos de tristeza e solidão. Ao mesmo tempo, os serviços públicos de saúde baseados em preceitos da racionalidade científica parece tirar essa autonomia quando questiona esses saberes, em uma tentativa de fazer os sujeitos serem dependentes de seus serviços.

Palavras-chave: parteira, história de vida e práticas populares.

ABSTRACT

Popular practices of care have marked the lives of people who lived before the consolidation of the Unified Health System (SUS) in Brazil. During this period, in some regions of Brazil, it is possible to see that these knowledges and practices are in memory and reports on daily events experienced by older women who still act as midwives, but there is a fear in asserting themselves in their practices (Cardoso, 2012). Thus, this study sought to understand how the craft of midwifery composes a life story of a resident midwife in City Ceilândia - DF. It is the analysis of a biographical account and describes the relationship with health services and doctors, and how the ignorance and prejudice with this area of biomedicine can inhibit them to expose their deeds. The objective was to analyze the sociocosmology where this midwife fits the context of socialization this knowing / doing, transmission of the task and circulation of knowledge. This research is a qualitative one, will include techniques of ethnographic method. Questions about the ways of life, thinking and feeling of the people, which aims to identify how the person was socialized and how the social experience influences the construction and training of "I" and categories used by it were made. The theoretical framework is based on the concepts and methods of the social sciences, including the notion of culture as a system of symbols that provides a model "from" and "to" the lived reality (Geertz 1989). In this project we observed that being healthy is linked to other issues, happiness, determination of making decisions, namely dealing with moments of sadness and loneliness. At the same time, public health services based on principles of scientific rationality seems to take this autonomy when these knowledge questions in an attempt to make the subject being dependent on their services.

Keywords: midwife, life history and popular practices.

1. INTRODUÇÃO: DESENHANDO O TEMA

Este trabalho compreendeu como o ofício de partejar compõe uma história de vida, no caso de uma parteira tradicional/popular nascida no estado do Rio Grande do Norte e que, hoje, vive na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal.

Trata-se da análise de um relato biográfico que pretende revelar como o parto e os cuidados relativos ao longo da vida de uma parteira a fez como pessoa e permitiu a criação de uma identidade de cuidadora. Hoje, sua atuação se restringe ao núcleo familiar, com cuidados de prevenção por meio de uso de remédios caseiros, indicação de alimentos adequados e outras práticas, não realizando mais partos.

As práticas populares de cuidado marcaram as vidas das pessoas que viveram antes da consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Nesse período, em algumas regiões do Brasil, é possível perceber que esses saberes e práticas estão na memória e nos relatos sobre fatos cotidianos vividos por mulheres mais velhas que ainda atuam como parteiras, mas há um medo em se afirmarem em suas práticas (CARDOSO, 2012).

A relação com os serviços de saúde e com os médicos e o desconhecimento e preconceito com esse ofício por parte da biomedicina as inibem de expor seus feitos. Diante do silenciamento do discurso dessas mulheres, no contexto dessa relação de poder onde se encontram, este trabalho pretende analisar a biografia de uma parteira popular que vive na cidade de Ceilândia, no DF, sobre fatos que marcaram a sua vida e que criaram uma identidade e valores de pertencimento. Esses estão vinculados ao ato de partejar, aos demais cuidados que tinha consigo e com outros que não se restringia a cura de doenças, mas também aos atos de violência que foi vítima.

Por conseguinte, este trabalho visou compreender como essa senhora vincula seu ofício com sua história de vida, com os partos e demais cuidados que acompanhou, realizou e viveu. Foi observado como ela entende e atua sobre os corpos da mãe e do bebê, o que entende por bem-estar, adoecimento e o cuidado do binômio mãe-filho, antes, durante e depois do parto. Ponto importante neste trabalho foi discutir a relação do relato biográfico com sua formação como terapeuta popular, isto é, como ela foi inserida no saber/fazer do ato de partejar, nas práticas utilizadas no processo do parto e no acompanhamento da mulher e do bebê ao longo de suas vidas.

Este trabalho está ancorado no campo da Saúde Coletiva, na abordagem das Ciências Sociais. Por isso, pretende focar na visão de mundo da parteira, tendo em vista que noções e comportamentos ligados aos processos de saúde e adoecimento integram a cultura de grupos sociais onde os mesmos ocorrem (LANGDON & WIJK, 2010). Deste modo, objetiva-se analisar a sociocosmologia onde essa parteira se insere, o contexto de socialização deste saber/fazer, de transmissão desse ofício e de circulação de conhecimento. Para Iriart (2003), há um grande impacto da realidade sócio-cultural na produção da saúde e da doença para os indivíduos, sendo assim, é necessário levar em conta essa perspectiva nos processos de construção do SUS, das diferentes concepções e representações da saúde e da doença em distintos grupos.

De acordo com Cardoso (2012), os profissionais de saúde não reconhecem as práticas alternativas de cuidado à saúde, como as oferecidas pelas parteiras. Entretanto, as parteiras podem se tornar grandes parceiras do Sistema Formal de Saúde. De acordo com a autora, essas podem atuar como: “cuidadoras”, isto é, podem auxiliar nos cuidados e orientações fornecidas pelo médico, durante e após o parto, da mãe e bebê, além disso, podem realizar o parto e o cuidado nesse período; “*referenciadoras*”, isto é, podem encaminhar a mulher ao hospital para realizar o pré-natal ou em situações de emergência; e “*tradutoras*”, isto é, podem ser intérpretes dos sinais, sintomas e linguagem, auxiliando o médico e contribuindo para um diagnóstico mais eficaz. Para isto, é imprescindível que se estabeleça uma relação respeitosa de valorização dos saberes populares, que haja a capacitação e a educação continuada, tanto para os profissionais formais quanto para as parteiras tradicionais, de forma que esta formação seja construída a partir da troca de saberes, agregando informações e preservando a cultura nas práticas de saúde. Por isso, é importante conhecer este universo das parteiras que ainda atuam ou atuavam. Mais do que conhecer esse universo, este trabalho pretende analisar uma história que se repete nas camadas populares e que merece ser ouvida e recontada, pois dizem muito do Brasil e das formas e maneiras de viver e se cuidar de grande parte da população.

De acordo com Máximo (2013), os terapeutas populares constituem um segmento a ser observado mais atentamente, pois se percebe que essas pessoas atuam como agentes promotores de saúde e possuem uma significação de vida singular. Nesse estudo, o qual teve foco o processo de envelhecimento de uma terapeuta popular, essa constrói uma relação positiva com o envelhecimento e a ideia de morte, apresenta um uso diferenciado de

medicamentos, a crença em males espirituais, e a importância da fé na cura e prevenção tanto de males físicos como espirituais. Foi possível perceber que a prática terapêutica popular usada influencia a forma como se envelhece e interferiu de maneira positiva na construção de sua autonomia. Diante desse quadro, a ideia desse trabalho é observar a singularidade da vida de dona Alzenir Marluce Militão como mulher, migrante, idosa e terapeuta popular nos cuidados a sua saúde e de seus familiares.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo tem como sujeito uma senhora de 77 anos, nascida em Mossoró no Rio Grande do Norte. Viveu sua infância e parte da adolescência em uma ilha (Ilha de Honorina). Casou-se e formou sua família com dez filhos. Há 41 anos vive na cidade de Ceilândia-DF. Hoje, matriarca com nove filhos e viúva.

Pretende-se, neste trabalho, alcançar as representações sociais por meio do relato biográfico, a partir de uma análise sobre como as parteiras/cuidadoras aprimoram seu ofício ao longo de sua vida. De acordo com Goldenberg (2010), o relato biográfico revela como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem e sua dinâmica matriz cultural. Nesse sentido, pretende alcançar por meio da biografia o contexto de construção de uma parteira, e as redes sociais onde se insere e desenvolve o ofício. De acordo com Nakurama:

“a vida social e cultura de uma sociedade é apreendida em sua totalidade, a partir da observação de como diferentes aspectos da vida social se expressam em situações particulares, revelando valores, comportamentos, modos de vida e visão de mundo diferente” (2011: 98).

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, contará com técnicas do método etnográfico. Neste método são realizadas perguntas sobre os modos de vida, de pensar e sentir das pessoas, que tem como principal objetivo identificar como a pessoa foi socializada e como a experiência social influi na construção e formação do “eu” e categorias usadas por ela. Segundo Cardoso (2012), a perspectiva do pesquisador é a de um “observador participante”, alguém que escuta e tece uma relação dialógica (de diálogo) com as pessoas que estuda (os sujeitos da pesquisa). Observar e descrever a cena objeto de investigação, realizar entrevistas formais, isto é, baseadas em roteiros, e informais, documentar por meio de fotos, filmes e gravações são outras técnicas do método em questão. Assim, foi realizada uma descrição densa da realidade social em tela.

Neste sentido, questões relevantes para este estudo foram aprofundadas, as entrevistas com o sujeito foram gravadas, com sua permissão e em seguida foram transcritas. Em cada entrevista, utilizou-se um roteiro com perguntas semiestruturadas que continha, inicialmente, questões sobre os dados de identificação da entrevistada e questões referentes à sua prática e

trajetória como parteira. Após a realização das primeiras entrevistas, novas questões foram elaboradas e realizadas.

O primeiro contato com a dona Alzenir ocorreu em sua própria casa, sentindo-se a vontade para expor sua história e experiências de vida, por diversas vezes se emocionou ao lembrar momentos de sua trajetória, criou-se um ambiente familiar de lembranças e saudades. A história apresentada é fruto de quatro encontros realizados no período de 2013.

Gostaria de relatar que ao longo da realização deste projeto tive alguns impedimentos e optei por realizar a pesquisa com alguém mais acessível e próxima a mim. A senhora Alzenir, é minha avó e a qual tenho uma grande cumplicidade por fazer parte da minha trajetória de vida.

3. MARCO TEÓRICO: OS CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO DO TEMA

O referencial teórico deste trabalho está baseado nos conceitos e métodos das Ciências Sociais, compreendendo a noção de cultura enquanto um sistema de símbolos que fornece um modelo “de” e “para” a realidade vivida (GEERTZ, 1989). Nesse sentido, este trabalho irá focar na visão de mundo da parteira, isto é, nas representações sociais, no vivido e no pensado por ela. Dessa forma, os eventos sociais vivenciados no ato de partear estão pautados por processos de significação contínuos, produzidos pelos indivíduos quando mantêm relações sociais, ou seja, na atribuição de significados às experiências vividas. Representações sociais são “um instrumento de pesquisa que permite entender as concepções dos grupos e atua como uma das formas de compreender as mudanças e permanências promovidas socialmente” (HOROCHVSKY, 2004: 1).

De acordo com Scliar (2007), os conceitos de saúde e doença devem ser analisados a partir de determinado contexto histórico, cultural, social, político e econômico. Deve-se ter em mente, ainda, segundo esse autor, que a saúde e a doença não representam a mesma coisa para todas as pessoas, assim dependerá da época, do lugar, da classe social, de valores individuais, de concepções científicas, religiosas e filosóficas. Por conseguinte, este trabalho está baseado nas premissas das ciências sociais na saúde que afirmam que as associações entre um fato ou evento e a doença seguem muitos caminhos. Nesse sentido, pretende-se ver os caminhos que levaram a terapeuta deste trabalho a desenvolver seu ofício.

De acordo com Iriart (2003), o impacto da cultura na construção da doença e dos idiomas de aflição, atua na criação e formatação dos sintomas. E, assim, o sofrimento emocional em uma pessoa da classe alta manifesta-se através de sintomas e conceitos psicológicos e em uma pessoa da classe trabalhadora ocorre através de manifestações somáticas ou distúrbios físico-morais. A dor, o limiar da dor e sua percepção são construídos culturalmente. Certas culturas atribuem significados positivos a dor, na nossa cultura ocidental, por exemplo, evitamos ao máximo a dor e o sofrimento. Desse modo, são desenhados idiomas culturais da aflição, nos quais se manifesta sofrimento e é mobilizada a comunidade no amparo à pessoa que sofre, legitimando sua queixa. As pessoas buscam vários terapeutas até que seja compreendida a natureza de seu problema e construído seu significado.

Segundo Duarte (2004), no pensamento antropológico¹, toda parcialidade deve ser vista em sua singularidade, o que implica em observar uma totalidade em si. Desse modo, os fenômenos sociais e os sujeitos se exprimem no tempo e espaço com uma qualidade especial, interna, toda própria, o que permite uma ênfase na experiência íntima, pessoal, passional, subjetiva. Isso leva à compreensão no método de conhecimento, que deve observar todos os atos da dimensão vivencial e subjetiva. Nesse sentido, ao tomar a história de vida de dona Alzenir como objeto de análise, pretende-se compreender a singularidade de sua vida construída em variados contextos sociais. Cabe enfatizar que estamos diante de contextos de classes populares lidando com procedimentos terapêuticos e se relacionando com outros saberes como o biomédico.

Em outro trabalho, Duarte (2003) analisa que os processos de saúde-adoecimento de classes populares envolvem não somente a imediata corporalidade, mas a vida moral, os sentimentos e a auto-representação. Nesse sentido, ainda, de acordo com esse autor, as classes populares brasileiras inserem-se em uma ordem relacional e hierárquica, o que se distancia dos saberes biomédicos. Há desafios a serem enfrentados pelo embate entre as representações individualizadas da biomedicina e as representações holistas dos pacientes. No caso da biomedicina, há uma segmentação dos domínios de saber, das realidades observadas e descritas lidando com uma expectativa permanentemente renovada de atendimento a uma demanda terapêutica global ou integrada. Desse modo, os saberes populares estão diante de uma especialização médica que dissolve a totalidade da experiência da saúde/doença.

Na história de vida de Dona Alzenir será possível vê-la em momentos conflituosos com a biomedicina. Nos termos de Iriart (2003), os conflitos entre as visões dos profissionais de saúde e dos pacientes sobre a saúde e a doença se devem ao fato de, no modelo biomédico, a saúde e a doença constituírem, sobretudo fenômenos de ordem biológica que devem ser tratados através de uma ação de natureza técnica. As premissas básicas da biomedicina são a racionalidade científica - a ênfase na mensuração objetiva e a numérica de dados bioquímicos -; o mecanicismo; o dualismo corpo-mente; a visão da enfermidade como um estado, uma identidade própria independente do sujeito; e ênfase no diagnóstico e tratamento sobre o indivíduo (op. cit). Nas culturas populares, é possível ver as práticas biomédicas sendo, ao

¹ A Antropologia, uma das ciências sociais, é a principal ciência que irá pautar esse trabalho.

mesmo tempo, exercida e burlada. Nesses contextos se insinuam um estilo de trocas sociais entre os sujeitos e entre práticas, de invenções técnicas e de resistência moral.

Nos saberes populares, a experiência da saúde e adoecimento está baseada na integralidade da identidade da pessoa. Essa se apresenta em ações e reações com sentido que transitam entre peregrinações religiosas, promessas, conversões, sacrifícios, consultas, exames, operações, dietas etc (DUARTE, 2003). Isso tudo põe em cena horizontes de significados e princípios de ação complexos e diferenciados. Nesse sentido, variados aspectos da vida de Dona Alzenir devem ser levados em consideração para o entendimento do que compreende como saúde, adoecimento, terapêutica etc.

De acordo com Langdon e Wiik (2010), os sistemas médicos de atenção à saúde, assim como as respostas dadas às doenças, são sistemas culturais, consoantes com os grupos e as realidades sociais que os produzem. Diante desse quadro, a formação do terapeuta popular está associada ao que aparentemente são vistos como acasos, acidentes, mas que, na verdade, expressam momentos especiais da vida como rituais que marcam a vida da pessoa e a transforma.

De acordo com Cardoso (2012), nos relatos das parteiras de Goiás, o início do ofício ocorreu de forma dita casual, ou seja, iniciavam suas atividades ao se depararem com um evento no qual não tiveram alternativas senão assumir o papel de parteira, “amparando” ou “segurando” crianças que nasciam inesperadamente diante delas. Além disso, muitas ingressaram no ofício, observando e recebendo ensinamentos de outras parteiras, quando atuavam como ajudantes, e aprimoraram seus conhecimentos nessa inter-relação. Portanto, seus saberes são adquiridos e acumulados ao assistirem, no momento do parto e após e no dia-a-dia, mães e filhos. Esse aprendizado requer a capacidade de observar cuidadosamente a prática corporal de outras mulheres e a habilidade de agir diante do inesperado, de observar os corpos se transformando ao longo do ciclo da vida, de conhecer o potencial de plantas e dos alimentos para a mãe e criança (CARDOSO, 2012).

Desta forma, a intenção deste projeto é analisar a história de vida de uma terapeuta popular com o intuito de observar como ela foi construindo esse ofício e aprimorando técnicas que estão entrelaçadas a momentos de sua história de vida.

4. DISCUTINDO A TEMÁTICA:

4.1 “Você acredita em destino? Eu acredito!”: Caminhos percorridos por uma terapeuta popular.

Para os propósitos deste trabalho, na primeira conversa com a terapeuta, foi solicitado que ela contasse sua história de vida. Sua fala começa da seguinte maneira:

“Você acredita em destino? Eu acredito! O meu nome é Alzenir Marluce Militão, nasci em 1936, no dia 10 de maio, nasci em uma ilha do Rio Grande do Norte, só tinha três casas, a minha casa era coberta de palha, de palha de coqueiro e as paredes eram de barro, mas era acolhedora, ali eu vivi com o meu pai e a minha mãe até os seis anos e nasceu a minha irmã”.

Dona Alzenir nasceu em uma ilha fluvial, ilha de Honorina, localizada no rio Mossoró, no município de Areia Branca, no estado do Rio Grande do Norte. A ilha distava 10 léguas da cidade de Mossoró, aproximadamente, 66 km, e o acesso à ilha era feito somente de barco. Pegava-se um barco para Porto Franco e de lá pegava o trem para ir à Mossoró. No município de Areia Branca estão localizados a foz dos rios Mossoró, Apodi-Mossoró e Ivypanin, os quais o circundam, produzindo algumas ilhas. Nessa ilha, ela cresceu, aprendendo a lidar com as transformações do corpo, com os sofrimentos e dores da vida e vendo seus pais e outros lidarem com os cuidados com a saúde. Nenhuma instituição de saúde ou qualquer outra instituição do Estado existia ou passava temporariamente por esse local. Desse modo, as pessoas tinham que criar técnicas e procedimentos de cuidados. Foi nesse local que Dona Alzenir passou a sua primeira infância, desse modo, ela se recorda de alguns cuidados com a saúde realizados por sua mãe:

“Ficavam doentes sim, cuidávamos com remédios caseiros, mas não me lembro muito bem. Eu sei que minha mãe fazia uns remédios para a gente não ter anemia. Tinha uma caixa d’água na ilha e a caixa era de ferro e enferrujava muito, aí ela pegava a ferrugem, pisava no pilão aí fazia aquele pó e botava dentro de uma garrada de mel de cana e deixava passar quinze dias, aí todos os dias ela dava de manhã, ao meio dia e a noite e nós nunca tivemos anemia. Quando se tinha uma doença mais grave, morria! Morreu a filhinha de minha mãe com três anos e oito meses e até hoje não sabemos do que foi. Nós estávamos almoçando e ela começou a gritar e chorar que estava com uma dor. E ali morreu.”

Dona Alzenir recorda que quando a gravidez era vivida com naturalidade, em especial de sua mãe, fazia parte do ciclo da vida, de acordo com ela:

“Ela tinha muito repouso, depois do parto. Mas naquela época não tinha muitos cuidados especiais não. Fazia tudo normal, não costumava ter enjoos, a gente só via a barriga crescendo (risos!) e sabia que tava grávida. E quando o bebê nascia era apenas o repouso, a higiene e o amor.”

4.2 Da ilha de Honorina à Mossoró, a formação de uma terapeuta popular.

Da ilha de Honorina, em Areia Branca, Dona Alzenir foi para Mossoró. O distrito de Mossoró foi criado em 27 de outubro de 1842. Em março de 1852, o distrito foi elevado à categoria de vila. Virou cidade somente em nove de novembro de 1870, através de lei provincial (IBGE). Até alcançar a atual formação, com aproximadamente três mil quilômetros quadrados, Mossoró passou por diversas mudanças, incorporando e desmembrando territórios. Foi assim com a área que hoje é as cidades de Assu, Governador Dix-Sept Rosado, Baraúna etc.

A origem de seu nome se remete aos índios Monxorós. Segundo estudos do pesquisador potiguar Luiz Câmara Cascudo, as primeiras penetrações de colonizadores na área do que hoje é o município de Mossoró teriam ocorrido por volta de 1600. Cartas e documentos da época falavam sobre o encontro de salinas, que foram exploradas pelos holandeses Gedeon Morris de Jonge e Elbert Smiente até 1644. A história da cidade de Mossoró é repleta de fatos históricos que orgulham seus moradores.

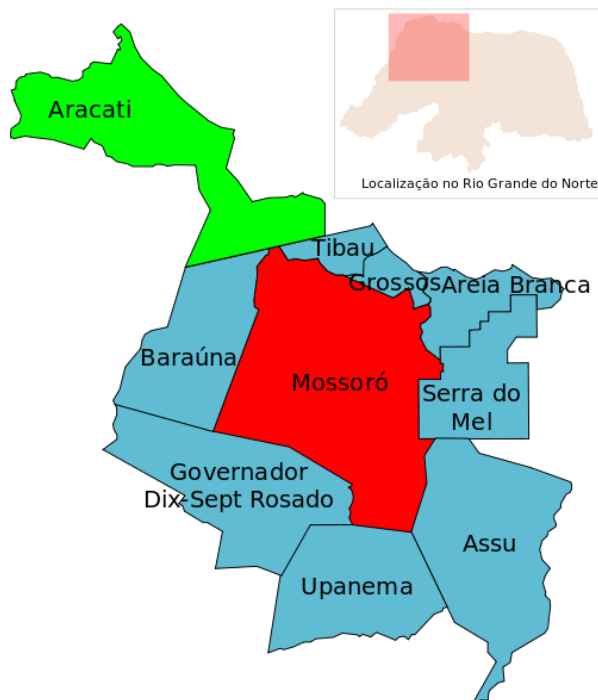
Mossoró está localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte, localizando-se a uma distância de 285 km a noroeste da capital do estado, Natal. Ocupa uma área de 2110,207 km² - o maior município do estado em área - sendo que 11,5834 km² estão em perímetro urbano. Em 2012, sua população foi estimada em 266 758 habitantes, sendo o segundo mais populoso do Rio Grande do Norte, ficando atrás somente da capital (IBGE).

Localizada entre Natal e Fortaleza, às quais é ligada pela BR-304, é o maior produtor em terra de petróleo no país, como também de sal marinho. A fruticultura irrigada, volta da em grande parte para a exportação, também possui relevância na economia do estado. As festividades realizadas na cidade anualmente atraem uma enorme quantidade de turistas, como o Mossoró Cidade Junina e o Auto da Liberdade. O município foi marcado por alguns

fatos históricos: o Motim das Mulheres, que desencadeou o primeiro voto feminino do país, que ocorreu em Mossoró no ano de 1928 e só veio a ser regularizado oficialmente no Brasil em 1934; por ter libertado seus escravos cinco anos antes da Lei Áurea; e a resistência ao bando de Lampião, em 1927.

A cidade de Mossoró pode ser identificada pelo mapa abaixo:

Figura 1: Mapa de Mossoró/RN.



Fonte: [Wikipedia.org/Mossoró](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mossor%C3%B3).

Seguindo o relato de Dona Alzenir, na ilha viviam a sua família, em uma casa construída pelo seu pai, e outras duas famílias em casas vizinhas. Em uma das casas vizinhas, havia uma senhora que cuidava muito dela e que, por isso, ela a chamava de mãe. Sua madrinha vivia na outra casa. A vida nessa ilha foi marcada pela partida do pai e pelas dores das perdas e mortes. De acordo com ela:

“A minha primeira dor foi na época da guerra em 1942, meu pai chegou e falou para a minha mãe: ‘Nega, amanhã eu vou viajar, vou para o Amazonas,

vou trabalhar para a guerra'. Eu não acreditei, mas vi minha mãe sentada em cima do fogão de lenha chorando e ele acalentando ela. No outro dia cedinho ele partiu, eu me agarrei com ele e foram dois homem pra me tirar de cima dele porque eu queria ir com ele. Então, foram 15 dias de febre alta sofrendo a saudade dele, melhorei quando chegou a primeira carta. E ali ficou eu minha mãe e minha irmã, minha mãe estava grávida e com um mês que ele tinha partido ela ganhou a minha irmã, quando ela já tinha 3 anos e 8 meses morreu de repente e foi a minha segunda dor. Sofria muita saudade do meu pai, a ilha era muito triste só tinha de criança eu, a noite muito escura, o submarino no mar, a gente só via as luzes do clarão do submarino passando na ilha pra vigiar a gente, aí se passaram cinco anos.”

Na ilha, Dona Alzenir sentiu muito as perdas que ocorreram e sofria da solidão do lugar. Após a partida do pai, sua mãe casa-se novamente:

“E aí apareceu um homem, que a minha mãe esqueceu meu pai e casou com esse homem, sofri muito!! E um dia meu pai chegou de repente, mas ele não procurou minha mãe e ela por um buraquinho na porta viu ele passando na estrada e chorando. Aí, ela chorou muito e eu fui ficar com ele, passei três meses com ele mas depois voltei.”

Da solidão e vivência intensa com a família na ilha, eles partiram para a cidade de Mossoró, Dona Alzenir tinha seis anos, conforme tinha mencionado. Agora, após sua primeira infância que foi baseada em um processo de socialização familiar onde observava e auxiliava sua mãe nos afazeres domésticos, ela segue com a mãe, irmãos e padrasto para Mossoró. Sua atuação como terapeuta popular inicia-se:

“Aí nós saímos da Ilha e fomos morar em Mossoró, eu já estava ficando mocinha e nesse tempo minha mãe teve três filhos sozinha e eu ajudei a ela nos partos. Quando meu irmão nasceu eu tinha 8 anos e era a noite e ela me chamou, ele estava no chão e ela mandou eu pegá-lo, eu não queria mas ela deu aquela voz de autoridade e eu peguei o menino e botei em cima da cama e ela cortou o umbigo, banhou, arrumou e logo depois chegou o meu padrasto com a parteira. Ele estava dormindo e sonhou que trouxesse um litro de leite”.

Dona Alzenir começa como uma auxiliar de parteira, atuando principalmente nos partos da sua mãe. Sua primeira atuação como auxiliar aconteceu diante de uma situação extrema, quando, sem a presença de uma parteira, sua mãe não lhe deu escolha e ela teve que “segurar o menino” e auxiliá-la no pós parto. Participou também dos abortos que sua mãe viveu. Percebe-se, portanto, que Dona Alzenir inicia-se no ofício a partir da observação do

corpo de sua mãe. Essa observação aconteceu tanto com os partos quanto com situações de aborto que sua mãe sofreu. Conforme ela explica:

“E um dia ela teve um aborto e me mandou jogar as coisas fora, quando eu joguei o menino ficou dependurado na árvore, aí eu falei: mamãe tinha um calanguinho e ela pegou um pano e disse vai lá e pega pra mim, era uma criança, ela tinha abortado, já tinha cinco meses.”

Em Mossoró e vivendo ao lado do marido da mãe, Dona Alzenir começa a sofrer com violência física e psicológica desencadeada pelo padrasto. Diante dessa situação que se instaura, ela planeja um casamento e também sofre com o noivo. Segue seu relato:

“E assim nós vivemos, fomos morar em Mossoró, meu padrasto não queria que eu saísse nem na porta, nem na calçada, tinha um ciúme louco de mim, me batia me maltratava, mas eu não queria sair de casa com pena da minha mãe e ali fiquei. Até que um dia nós fomos para Fortaleza e ele ficou lá em Mossoró, e em Fortaleza eu conheci um rapaz e fiquei noiva dele e ia nos casar, já tinha arrumado a casa os móveis tudo, e também já tinha colocado os papéis no cartório, só faltava o juiz fazer o casamento, faltava 22 dias para nos casar aí fui buscar uma encomenda na agência que o meu padrasto tinha mandado. Conheci o que foi o meu marido, quando eu vi, ele tava com a aliança na mão direita, ele era muito charmoso, era negro e charmoso, que eu vi, eu falei: Vou me casar com esse! Mas pensei, será que ele é casado? Se for casado eu vou tomar da mulher dele (risos). Aí ele me viu e falou com o amigo dele se essa loira me quiser eu caso com ela! E o amigo dele disse: Se enxerga nego, ta vendo que essa loira não te quer? Ele foi me levar em casa e eu me senti muito feliz, aí cheguei em casa e falei com a minha mãe que não ia mais me casar com o meu noivo e que ia me casar com ele. Aí escrevi uma carta pro meu noivo falando que meu padrasto estava muito mal e ia cuidar dele e o meu noivo não aceitou, mas a minha mãe falou por mim e ele concordou. (...) Passaram alguns dias, cheguei lá em casa e meu noivo tava lá, foi um susto. Eu estava com a fotografia do que me casei e ele perguntou por que eu não tinha voltado e eu mostrei a foto e disse: por causa desse daqui ó, aí ele puxou o revolver e eu disse: é agora! Ai brinquei e disse que a fotografia era do namorado da minha amiga, que não era minha não(do rapaz). Aí meu padrasto chamou o outro rapaz o que eu me casei e disse: você é um bom rapaz, mas não venha aqui namorar com a minha filha porque não aceito. E ele disse: Sim senhor, mas se eu encontrar ela na rua eu namoro. Aí me padrasto queria matar eu e ele, aí esse rapaz perguntou se eu queria fugir com ele e eu disse: Agora! E ele me disse: vamos fugir quarta feira, aí preparei tudo pra ir com ele e fomos pra casa de um tio dele. Lá passei um mês.”

Dona Alzenir viveu com esposo e teve 10 filhos, vivam em condições difíceis em Mossoró, tinha a companhia da sogra, de quem gostava muito:

“Minha relação com a minha sogra era maravilhosa! Ela era muito boa para mim. Quando eu tive o meu primeiro filho eu morava com ela. Quando saí da casa da minha sogra fui morar em um bairro chamado “12 Anos”, ficava perto da casa da minha mãe e minha sogra veio morar comigo, não aguentou ficar longe. Depois fui morar na casa pastoral na “Rua Pedro Velho” e de lá compramos uma casa na FUNDAP era uma casa muito boa, grande, eu tinha remodelado. Aí a firma que meu esposo trabalhava faliu e ele teve um convite para vir trabalhar em Brasília e veio. Com um mês que ele estava aqui, eu cheguei!”

Em Mossoró, Dona Alzenir auxiliava as mulheres, vizinhas, nos partos, conhecia alguns remédios alopáticos, especialmente vitaminas que dava para essas mulheres. Reunia os saberes populares e fazia uma releitura de tecnologias e remédios usados pela biomedicina. Portanto, em Mossoró, continuou observando e sendo cuidadora de outras mulheres. De acordo com ela:

“Quando nós fomos morar nessa casa lá em Mossoró tinha uma mulher que lavava a minha roupa e o marido dela tinha vindo para Brasília, ela era novinha. Amanheceu o dia, ela não foi lá em casa ,eu resolvi ir na casa dela. Chegando lá a mãe dela disse desde ontem ela tá sofrendo pra ganhar neném. E ela estava jogada em cima da cama. Eu fui em casa peguei uma injeção de vitamina, o aparelho. Apliquei a injeção nela. Quando apliquei o menino nasceu. Aí todo mundo saiu de dentro de casa e fique sozinha com ela dentro do quarto. Era uma menina, aí arranquei o umbigo, dei banho, limpei arrumei ela. Fui em casa, peguei uma carne, uma verdura, coloquei no fogo e fiz um pirão pra ela, ela comeu todinho, agora eu disse: durma e descansa. Eu ajudei, graças a Deus.”

Dona Alzenir estava ciente dos cuidados que uma parturiente deveria ter e atuava como uma parteira observando, em cada caso, qual fragilidade a mulher poderia estar vivendo ou não, o que era analisado tendo em vista o conhecimento que tinha do contexto social que a mãe vivia. E após o parto realizava os procedimentos necessários para a jovem. Sobre a injeção, ela explica:

“Eu dei a injeção porque achei que ela estava muito fraca e que ela passava muita necessidade, ela passou a noite todinha jogada em cima de uma cama, não tinha força nenhuma para ter um filho e também aquela intuição minha que não falhava. Fui em casa e busquei a injeção de vitamina. Lá na minha cidade eu aplicava injeção em todo mundo quando o médico receitava. Logo depois que apliquei a injeção ela começou a ter um pouco mais de ânimo, com um pouco a menina nasceu. Banhei, cortei o umbigo da menina e arrumei ela na cama. Limpei a mãe e deixei ela deitada. Voltei em casa

peguei um pedaço de carne, uma abóbora e cozinhei e fiz um caldo para ela. Depois disse que descansasse que eu ficaria com a menina.”

4.3 Na Ceilândia, memórias de uma parteira e cuidadora da família.

Dona Alzenir viveu em Mossoró até o marido ser chamado por um amigo para vir para Brasília trabalhar. Isso aconteceu em 1970. Sua casa em Mossoró era inundada no período das chuvas. Em determinada situação, a água levou tudo o que tinham. Após 15 dias da partida do marido, Dona Alzenir ficou muito triste e tomou uma decisão, vendeu tudo o que tinha e comprou as passagens para ela e os filhos irem de ônibus encontrar o marido. Coincidentemente, o marido havia ligado e dito que iria buscá-los daqui um ano. Ela disse que não precisava, pois já estava de partida para Brasília. Dona Alzenir tinha 34 anos quando veio para a capital da república com os filhos, ela conta que:

“No dia em que cheguei em Brasília, ele não estava me esperando, porque o ônibus atrasou e chegou no dia seguinte. Aí os filhos ficaram todos desesperados e eu orei com eles e falei: Não tenham medo, confia em Deus. Passaram alguns minutos um conhecido bateu no meu ombro e disse: Oi Dona Alzenir! Você está aqui? Tinha sido uma pessoa que era meu vizinho lá no Norderte. E ele tava morando aqui no Gama, aí contei a história, que tinha me perdido do meu marido. E ele não por isso, vamos para a minha casa. Ficamos na casa dele uma semana. No dia seguinte ele me levou na firma onde meu esposo estava trabalhando. Chegando lá, tinha um rapaz varrendo a oficina e eu disse: vem cá, aqui trabalha um mecânico Francisco Militão? Ele disse tem! E ele tá muito nervoso porque foi esperar a mulher dele na rodoviária e ela não estava. Aí eu disse: Chama ele pra mim? O funcionário disse: Não posso, ele tá trabalhando. Eu disse: Chama, é notícia de vida ou morte. Aí ele chamou! Quando meu marido veio que me viu foi uma alegria muito grande, ele já tinha alugado uma casa em Taguatinga. Era um barraco onde se via o sol a lua e as estrelas, horrível! E ele me perguntava: Meu bem, você está triste né? E eu dizia, não. Eu estou com você. Ali vivemos muitos dias. (...) Era horrível porque eu tinha uma casa boa lá, em Mossoró, com móveis, com tudo, nunca tinha visto uma casa de madeira, cheguei aqui fui morar em um barraco, o chão era grosso, até pulga tinha! Parecia que um vento de pobreza tinha caído sobre nós. E meu esposo chegava em casa e dizia, meu bem, você está triste porque veio né? E eu dizia, estou não, com você eu estou feliz. (risos, em toda a fala declara muito amor pelo finado esposo).”

Após algum tempo, compraram um terreno em Ceilândia, Dona Alzenir começou a costurar para ajudar o marido. Isso aconteceu em 1974. Eram felizes até a morte de seu companheiro. De acordo com ela:

“Com o tempo compramos um terreno na Ceilândia. Comecei a costurar dia e noite pra ajudar na renda. Nós éramos muito felizes, criamos nossos filhos ali, vimos o nascimento dos nossos netos. Foi uma história de amor. Mas de repente ele morreu, passaram dois meses e 28 dias doente e morreu! Para mim, a minha metade foi com ele. Desde aquele dia a minha alegria é muito pouca. Eu tive uma depressão tão grande que tive um aneurisma em 2005, passei 30 dias em coma. Estou lutando com a vida. Ele morreu em 2004, foi uma perda muito grande para mim.”

Em 1969, com apenas nove anos de fundação, Brasília já tinha 79.128 favelados, que moravam em 14. 607 barracos, para uma população de 500 mil habitantes em todo o Distrito Federal. O favelamento foi o mais gritante. Reconhecendo a gravidade do problema e suas consequências, o governador Hélio Prates da Silveira solicitou a erradicação das favelas à Secretaria de Serviços Sociais. No mesmo ano, foi criado um grupo de trabalho que mais tarde se transformou em Comissão de Erradicação de Favelas.

A cidade foi criada como forma de afastar a população das "favelas" localizadas no berço do Planalto Central para lugares mais afastados do centro. Foi criada, então, a Campanha de Erradicação das Invasões – CEI, junto à palavra de origem norte- americano "lândia" que significa cidade, formaram o nome da cidade satélite do Distrito Federal.

Em nove meses, a transferência das famílias estava concluída, com as ruas abertas em torno do projeto urbanístico de autoria do arquiteto Ney Gabriel de Souza – dois eixos cruzados em ângulo de 90 graus, formando a figura de um barril. Nos primeiros tempos foi um drama. A população carecia de água, de iluminação pública, de transporte coletivo, e lutava contra a poeira, a lama e as enxurradas.

Em 25 de outubro de 1989, a Lei 11.921 criava a nova Região Administrativa do Distrito Federal, que virava, assim, a nova cidade-satélite de Ceilândia. O aniversário de Ceilândia é comemorado no dia 27 de março, por força do Decreto n.º 10.348, de 28 de abril de 1987 e onde dona Alzenir vive atualmente . Em sua casa, ela relembra dos partos que viveu e que realizou, das mudanças que ocorreram em suas vidas, dos amores e das dores das perdas de alguns. Conforme ela mesma explica, foi o destino que a fez tomar caminhos tão diversos e se encontrar onde está hoje. Dona Alzenir teve dez filhos, desses três nasceram nos hospitais.

Relata que os partos foram normais, que sentia a hora de nascer e nunca precisou de ajuda, às vezes uma parteira amiga, auxiliava. Os partos com parteiras ou feitos por ela foram realizados em sua casa. Conta também que a maioria das vezes estava sozinha em casa ou com um filho criança ainda quando acontecia o parto. Seu esposo era motorista em Mossoró e vivia entregando cargas. De acordo com seu relato:

“O meu primeiro parto no hospital foi terrível. Eu tive eclampsia, quando fui ver o menino já estava com 23 dias de nascido, a sexta filha eu tive sozinha no hospital. Me deram uma injeção para aumentar a dilatação e me deixaram sozinha em um quarto e pronto, ganhei sozinha a menina, que foi sua mãe (risos). Eu preferia sem dúvidas os partos “normais” com as parteiras, eram sempre melhores, elas tinham mais cuidado com a gente.”

Sobre o cuidado com as crianças ao longo da infância, ela explica:

“Cuidávamos dos filhos normalmente, sem nada de especial, os recursos eram poucos embora Mossoró já fosse mais desenvolvida do que a ilha, e eles não costumavam ficar muito doentes, não levava ao médico. Eu tinha muito cuidado com a alimentação, dava muito leite porque eu achava que a criança tinha que tomar leite. Meu esposo quando chegava das viagens, ele era caminhoneiro, trazia muita fruta, verdura. Fazia muito suco e eles tomavam o dia todinho porque lá é muuito quente! E era assim. Mith, minha filha mulher mais velha pegou coqueluche e sarou com caju eu fazia o suco puro e dava a ela. Quando tiveram catapora eu cuidei com banho de sal grosso. Secava tudo e não tinham cicatriz.”

Dona Alzenir relembra que os partos com as parteiras que ela viveu foram ótimos, muito bons e tranquilos. Eram feitos por parteiras da cidade de Mossoró. Mas, ela sentia, sabia a hora certinha que iria parir e chamava uma parteira quando era possível. Durante o parto, ela lembra que se preparava e se concentrava na força, quando a parteira chegava apenas a ajudava. De acordo com ela, foram muitos partos esses fazem parte da vida de uma mulher, não há mistério e cuidados especiais, deve-se deixar o corpo da mulher atuar. Somente mulheres em situações especiais, como a jovem que estava fraca e que não se alimentava devidamente devido a suas condições financeiras, precisam de outros procedimentos terapêuticos. Segundo Dona Alzenir:

Primeiro tudo depende de cada mulher, algumas sentem dor, que é o parto seco, algumas a bolsa estoura e sabe que está na hora. É importante que a mãe esteja calma, com uma respiração equilibrada. Se tivesse fraca eu aplicava a injeção. Não costumava fazer massagens, eu empurrava um pouco a barriga e contava com a força da mãe.

Após o parto, ela explica o que deve ser feito:

Você deve fazer a limpeza da mãe, observar seu estado de saúde, conversar um pouco para saber se está fraca, se sente algo diferente. E deixá-la em repouso, quietinha, falando apenas o necessário. Com o bebê, deve dar banho, cortar o umbigo e ficar atenta se chora demais. Alimentá-lo com o leite e só. (risos)

Na Ceilândia, não atuou mais como parteira, mas nunca deixou de cuidar de seus familiares e acompanhar suas filhas nos hospitais e cuidar de seus netos. Finalizo este trabalho com um relato da minha avó, sobre o meu parto e o desentendimento que teve com o médico no hospital:

“Seu parto foi parto cesariano, passou um tempo te levaram para o apartamento e quando eu te vi, falei logo: “Essa menina engoliu parto!²”. Aí a enfermeira perguntou como? E eu disse, olha para essa menina, ela não está bem, nisso a enfermeira saiu correndo e rapidamente o médico chegou perguntando: “Quem é a doutora aqui?” E eu respondi: Aqui não tem doutora e ele me perguntou então como a senhora está dizendo que essa menina engoliu parto? Eu respondi: Experiência doutor, tive 10 filhos e mais um monte de partos sem contar os 19 filhos da minha mãe. Poucos segundos você começou a vomitar ainda no colo da enfermeira e colocar o parto para fora. Você estava roxa e soluçando muito. Foi só o tempo do médico pegar você e correr, colocou no oxigênio, com um tempo ele voltou com você pro quarto, mas eu sabia que você teria problemas quando crescesse. Dias depois saímos do hospital e chegou em casa descobrimos que estava com infecção berçaria, o corpo ficou coberto de feridas. Levamos no médico e ele receitou “violeta”. No primeiro banho te deu alergia e quase morreu. Aí fiquei fazendo em casa outras coisas. Seu cabelo caiu, foi a coisa mais horrível. E do parto a principal sequela foi todos os problemas respiratórios que você tem. Muita bronquite, tosse que parecia cachorro. Anos depois fui para Portugal com o meu esposo e trouxe semente de eucalipto para você. Cheguei em casa preparei uma bacia com as sementes, fervei bacias e bacias de água e fiz uma “sauna” até que você colocava aquelas coisas escuras para fora e com o tempo foi melhorando.”

² Engolir parto, engolir líquido amniótico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho compreendeu como uma mulher nordestina, migrante que se instalou em Ceilândia, construiu sua vida e seguiu seu destino, cuidando de si, dos filhos e de outros que precisavam. Viveu em locais onde não havia médicos ou qualquer tipo de ação estatal. Cruzou o país e próxima a capital continuou construindo sua vida, agora, com acesso aos serviços de saúde, mas, buscando e utilizando sempre seus conhecimentos que a vida como mãe e filha lhe fizeram ter.

Tendo em vista sua trajetória de vida, observa-se a solidariedade como uma prática comum no universo das terapeutas populares, de acordo com (CÂNDIDO 2009) a solidariedade está sempre presente na prática das parteiras, sendo uma característica bastante comum entre moradores de pequenas cidades e bairros rurais. Neste sentido, a solidariedade está em fazer ou auxiliar um parto, o cuidado entre mulheres, bebês, e àqueles que necessitavam de seus conhecimentos.

Observa-se que o conhecimento adquirido por Dona Alzenir foi dado a partir do seu contexto histórico, questões sociais, familiares e psicológicas. De acordo com Goldenberg:

“A abordagem de História de Vida cria “um tipo especial de documento no qual a experiência pessoal entrelaça-se à ação história diluindo os antagonismos entre subjetividade e objetividade”. O objetivo é estabelecer uma clara articulação entre biografia individual e seu contexto histórico social”. (2011; 03)

Através deste ofício e das praticas como terapeuta popular, dona Alzenir tem um lugar reconhecido em sua comunidade. Identificada como líder de sua família, constitui uma referência, com cuidados com a saúde que é passado de geração em geração.

O interessante em situações como essa é observar a autonomia dos sujeitos em resolver seus problemas e cuidar de si. Além disso, ter saúde está vinculado a outras questões, à felicidade, à determinação em tomar decisões e, a saber, lidar com os momentos de tristeza e solidão. Ao mesmo tempo, os serviços públicos de saúde baseados em preceitos da racionalidade científica parece tirar essa autonomia quando questiona esses saberes, em uma tentativa de fazer os sujeitos serem dependentes de seus serviços. Dona Alzenir afirma que o destino a fez estar onde está, ao longo desse percurso ela tomou as decisões devidas em busca

da felicidade e dos amores. Os risos em cada resposta e explicação às perguntas feitas transparece esse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLTANSKI, L. **A descoberta da doença- difusão do conhecimento médico e Medicina popular e medicina científica.** In: As classes sociais e o corpo. SP: Ed. Graal. 1978.

CARDOSO, I. 2012. **O saber/fazer de parteiras populares na região do DF.** Monografia de conclusão de curso Saúde Coletiva, Bsb/FC.

CEILANDIA.DF. **Conheça Ceilândia RA-IX.** Disponível em : <http://www.ceilandia.df.gov.br/sobre-a-ra-ix/conheca-ceilandia-ra-ix.html>. Acesso: Dezembro de 2013.

CIDADES.IBGE. **Rio Grande do Norte-Mossoró.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=240800>. Acesso: Dezembro de 2013.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 2004. **“A Pulsão Romântica e as Ciências Humanas no Ocidente”.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 19, nº 55.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 2003. **“Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e doença.”** Ciência e Saúde Coletiva (8)1: 173-183.

FLEISCHER, S. **Então, minha filha, vamos se afomentar? Puxação, parteirs e reprodução em Melgaço, Pará.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2008, mai-jun, v.13, n.3, p. 889-989.

GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem.** In: _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 45-66.

GOLDENBERG, M. 2011. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** RJ/SP: ed. Record.

IRIART, Jorge Alberto. 2003. **“Concepções de saúde e representações da saúde e da doença.”** Texto didático, Salvador: ICS/UFBA (mimeo LANGDON, Jean & WIIK, Flávio). 2010. **“Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde”**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 18(03), maio-jun.

MAXIMO, M. 2013. **Por entre espaços e temporalidade: Corpo, memória e história de vida de uma Benzedeira**. Monografia de conclusão de curso Saúde Coletiva, Bsb/FCe.

MENÉDEZ, E. 1994. **“La enfermedad y la curación ?Qué es la medicina tradicional?”** In: Alteridades, 4(7): 71-83.

PREFEITURA DE MOSSORÒ. **Mossoró>História**. Disponível em: <http://www.prefeiturademossoro.com.br/mossoro/historia/>
Acesso: Dezembro de 2013.

SCLIAR, Moacir. 2007. **“História do conceito de saúde”**. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):29-41 UNODC.ORG**. Ceilândia: 41 anos de história, tradição e modernidade!. Disponível em: <http://www.unodc.org/lpobrazil/pt/crime/jovemdeexpressao/noticias2012/03/27-aniversario-da-ceilandia.html>. Acesso: Dezembro de 2013.

WIKIPEDIA. **Mossoró**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mossor%C3%B3>
Acesso: Dezembro de 2013.

ANEXO

Questionário semi-estruturado

Instrumentos da Pesquisa - Segundo Momento

1. Nome do local onde nasceu da ilha, descrever o local. De quem eram as casas vizinhas?

1.1 A cidade mais próxima da ilha ficava muito longe?

2. Na ilha, ficavam doente? Tinha algum problema de saúde? Se sim, como se cuidavam?

2.1 E como enterravam na ilha?

3. Quando a mãe dela estava grávida, lembra de algum cuidado especial e depois da criança nascer como se cuidava?

4. Onde fica a casa da sogra, onde morou? Como era a relação com a sogra?

5. Onde foi morar depois (os nomes dos lugares)? Por que era horrível?

6. Quem fez o parto dela? Como foram? Como cuidava dos filhos nesses locais?

6.1 E no hospital?